

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS - EaD**

**GESSICA MARIA DA SILVA BOMFIM**

**VARIAÇÃO FONOLÓGICA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DE  
SINAIS**

**PATOS - PB  
2021**

**GESSICA MARIA DA SILVA BOMFIM**

**VARIAÇÃO FONOLÓGICA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DE  
SINAIS**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

**Orientador (a):** Me. Priscilla Andrade Souza Nogueira

**PATOS - PB  
2021**

**GESSICA MARIA DA SILVA BOMFIM**

**VARIAÇÃO FONOLÓGICA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DE  
SINAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Banca Examinadora, do Instituto de Educação,  
Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para  
obtenção do título de Especialista em Libras.

Patos, 02 de março de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

*Priscilla Andrade Souza Nogueira*

---

Profa. M.Sc. Priscilla Andrade Souza Nogueira - Orientadora  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

*Silvana Leão de Sá*

---

Prof. Esp. Silvana Leão de Sá - Examinador  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

*Michelle Melo Gurjão Roldão*

---

Profa. Ms. Michelle Melo Gurjão Roldão - Examinadora  
Universidade Federal de Campina Grande- UFCG

## FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DE PATOS/IFPB

B685v Bomfim, Gessica Maria da Silva  
Variação fonológica em libras: uma análise bibliográfica  
de sinais/ Gessica Maria da Silva Bomfim. - Patos, 2021.  
26 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em  
Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2021.  
Orientadora: Me. Priscilla Andrade Souza Nogueira

1. Fonologia 2. Língua Brasileira de Sinais 3. Variação  
linguística I. Título.

CDU – 81'221.24

## **AGRADECIMENTOS**

Antes de tudo, sou grata o meu Deus, mediante Jesus Cristo...

Romanos 1:8

Agradeço aos meus professores, familiares e colegas mais próximos, Milena, Juliana, Nilza, Gerlândia e Caio, que me ajudaram bastante nessa caminhada.

Grata, também à minha orientadora Priscilla pela paciência e dedicação.

## RESUMO

A variação linguística é um fenômeno que pode ser encontrado nas línguas naturais e mesmo sendo em modalidade viso-espacial que é diferente das línguas orais, pode ser encontrado na Língua Brasileira de Sinais – Libras que tem sua estrutura própria e independente da Língua Portuguesa. Com essa conjuntura, o seguinte artigo aborda uma ampliação do TCC de graduação e trata da variação fonológica em Libras focando em sinais de diferentes regiões do Brasil, especificamente, da região nordeste. Os sinais analisados são utilizados nos Estados de Pernambuco e Ceará. Para realização da análise foram coletados e analisados mais 9 sinais do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos (CAPOVILLA et al., 2017). A análise foi realizada tendo como base os Parâmetros (STOKE, 1960) Configuração de mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M), que está dentro do campo fonético/fonológico da Libras. No artigo foram relevantes as considerações teóricas de Gesser (2009) e Quadros (2004), além dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]). Devido a pandemia que assola o nosso país não conseguimos trabalhar com a língua em seu uso, por isso, realizamos um levantamento bibliográfico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fonologia. Língua Brasileira de Sinais. Variação Linguística

## **ABSTRACT**

The linguistic variation is a phenomena that can be found in natural language and even though in the Space-visual modality that is different from Oral language, can be found in the LIBRAS (Brazilian Sign Language) that has its own structure and it's independent from the portuguese language. At this juncture, the following article deals with an extension of the graduation TCC and treats of the phonological variation in libras focusing on signals by different regions. The analyses are used in states of Pernambuco and Ceara. For the realization of analyses were collected and analyzed ten more signals from the dictionary of the brazilian sign language- Libras in his hand (CAPOVILLA et al., 2017). The analysis was made based on the parameters (STOKOE, 1960) Hand configuration, Pivot point and Movement, that is inside of the phonetical/phonological field of Libras. In this article were relevant the theoretical considerations by Gesser(2009) and Quadros(2004), beyond the theoretical concepts of the Variationist Sociolinguistic (LABOV, 2008[1972]). Due to the pandemic that ruins our country we can not work with the language in use, therefore, we made a bibliographical survey.

Keywords: Phonology. Brazilian Sign Language. Linguistic Variation

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: CONFIGURAÇÕES DE MÃOS.....	11
Figura 2: SINAL DE PROFESSOR@ .....	11
Figura 3: SINAL DE MAGR@.....	11
Figura 4: SINAL DE PODER.....	12
Figura 5: SINAL DE GOSTAR.....	12
Figura 6: SINAL DE PRIMEIR@.....	13
Figura 7: SINAL DE ÚLTIM@.....	13
Figura 8: ORIENTAÇÕES DE MÃO.....	14
Figura 9: SINAL DE NOME EM ASL E LIBRAS.....	18
Figura 10: SINAL DE BARATA.....	20
Figura 11: SINAL DE BANDEIRA.....	20
Figura 12: SINAL DE BEBER.....	21
Figura 13: SINAL DE BÊBADO.....	21
Figura 14: SINAL DE CABELEREIRO.....	23
Figura 15: SINAL DE CAJU.....	23
Figura 16: SINAL DE ENFERMEIRA.....	24
Figura 17: SINAL DE ELEFANTE.....	24
Figura 18: SINAL DE ESCORPIÃO.....	25



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>10</b>
1.1 Fonologia em Libras .....	15
1.2 Sociolinguística Variacionista .....	16
1.3 Variação Linguística em Libras .....	18
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>20</b>
<b>3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>25</b>
<b>4. RESULTADO/DISSCUSSÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua que tem uma modalidade distinta da língua falada pela maioria dos brasileiros, a Língua Portuguesa. Esta é oral-auditiva, na qual utiliza-se palavras para que haja comunicação. Já na Libras, usa-se os sinais, por isso é visual-espacial. Mesmo havendo essa distinção em suas modalidades, ambas são línguas naturais e vivas, como afirma Quadros & Karnopp :

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem (QUADROS, 2004).

O status de língua, infelizmente, ainda é propagado erroneamente, pois para algumas pessoas, a Libras é considerada uma linguagem ou mímica utilizada por “mudos” porque não sabem falar. São muitos os mitos que rondam não só a língua de sinais, como também, os surdos, a comunidade surda, identidade surda, entre outros. A Língua de Sinais é uma língua natural que os surdos trazem consigo desde o seu nascimento. Como língua viva e não inferior a qualquer outra língua oral-auditiva, a Libras está sujeita a mudanças, variações e tem seus respectivos estudos, como afirma Gesser:

Quando me perguntam se a língua de sinais é mímica, entendo que está implícito nessa pergunta um preconceito muito grave, que vai além da discussão sobre a legitimidade linguística ou mesmo sobre quaisquer relações que ela possa ter ou não com a língua de sinais. Está associada a essa pergunta à ideia que muitos ouvintes têm sobre os surdos: uma visão embasada na anormalidade, segundo a qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles (GESSER, 2009, p.21).

Estudos como esse são importantes para que preconceitos sejam dissipados e as pessoas cada vez mais venham aprender e entender que Libras não é linguagem, brincadeira ou mímica, mas sim uma língua utilizada por uma comunidade surda que tem orgulho de utilizá-la para se comunicar. Uma língua que é resultado de muita luta do povo surdo que por muito tempo foram proibidos de exercer seus direitos e se comunicarem livremente na sociedade.

Os estudos sobre surdez e Libras vêm ganhando espaço ao longo dos anos, porém, ainda não existem muitas pesquisas que analisem a língua enquanto sua estrutura. Dessa maneira busco contribuir para futuras investigações na área, principalmente na área da variação fonológica da Língua Brasileira de Sinais.

Por isso este trabalho, ampliação do TCC da graduação, tem por objetivo analisar sinais retirados do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos

(CAPOVILLA *et al.*, 2017) comparando a realização do mesmo sinal em estados diferentes, especificamente, em Pernambuco e Ceará, atentando para a produção de acordo com os parâmetros de Stokoe (1960), analisando com que Configuração de mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M) o sinal é realizado e qual sofre mais variação.

Esta pesquisa é dividida em três capítulos. O primeiro é composto dos Pressupostos teóricos e traz uma discussão sobre a fonética/fonologia citando seus principais conceitos. Também falamos sobre uma vertente da linguística, a Sociolinguística, mencionando sua importância, origem e objetivo, como também, sobre a variação linguística em Libras. Na sequência, no capítulo 2, apresentamos os procedimentos metodológicos tomados para a geração de dados. No capítulo 3, é realizada a análise comparativa dos sinais e a discussão dos resultados e, por fim, as considerações finais.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Fonologia da Libras

A fonologia das línguas orais vai se distinguir da fonologia da língua de sinais pelo objeto de estudo. Uma estuda os sons e a outra, a realização dos sinais. Consideramos o conceito que Quadros e Karnopp defende:

A Fonologia da Língua de Sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.47).

As unidades mínimas estudadas pela fonologia da Libras é um dos estudos de Stokoe (1960), que foi pioneiro na área, esse foi um estudo de grande importância para a linguística que até então não havia iniciado nenhuma pesquisa acerca da comunicação dos surdos, e este acabou por contribuir em grande escala em todas as pesquisas realizadas na área da fonologia. Para denotar uma distinção entre a fonologia das línguas orais e a de sinais, Stokoe (1960) denomina ‘quirema’ as unidades mínimas dos sinais (configuração de mão, locação e movimento) e ao estudo dessas unidades ele atribuiu o termo ‘quirolgia’.

Stokoe propõe a descrição de três parâmetros primordiais na língua de Sinais, que são as unidades mínimas (fonemas), esses compõem os morfemas da Língua de Sinais, e são: Configuração de mão (CM), Locação (L) ou Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M). Cada um desses tem uma função significativa na realização dos sinais, pois sem eles os sinais não têm sentido, além de serem indissociáveis.

Conforme Ferreira-Brito (1995) a língua de Sinais brasileira apresenta 45 CMs, porém o quadro foi atualizado diversas vezes e novos pesquisadores descobriram mais configurações. Hoje contamos com o quadro organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) chegando a 79 CMs, atualmente.

Figura 1: CONFIGURAÇÕES DE MÃOS



Fonte: Site Charles Azevedo, 2014.

A configuração de mão (CM), como o nome já sugere, é a configuração que a mão toma ao reproduzir um sinal. Observe no exemplo a seguir

Figura 2: SINAL DE PROFESSOR@



Figura 3: SINAL DE MAGR@



TANYA, A.; MONTEIRO, M.; SOUZA, F. **Libras em Contexto**: Curso Básico. 6. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007, p. 12.

O sinal PROFESSR@<sup>1</sup> é realizado com a CM número 50 e o sinal de MAGR@ é realizada com a CM número 5 ambas do quadro de configurações de Libras organizado pelo INES apresentado na página anterior.

Por sua vez, a Locação (L) ou Ponto de Articulação (PA) é o ponto onde o sinal é realizado. Existem pontos de articulação nas áreas da cabeça, tronco e nos membros superiores. Como também, existem sinais que sua realização acontece em espaço neutro que seria o espaço em frente ao corpo do emissor. Vejamos os exemplos a seguir:

Figura 4: SINAL DE PODER



Figura 5: SINAL DE GOSTAR



TANYA, A.; MONTEIRO, M.; SOUZA, F. **Libras em Contexto**: Curso Básico. 6. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007, p. 42.

O sinal PODER tem a locação neutra (no espaço neutro), é articulado em frente ao corpo, sem toque algum no tronco e o sinal GOSTAR tem a locação no tronco, em específico no peito, pois há um contato da mão no corpo.

Por último, temos o movimento (M), que é a movimentação que mão, pulsos e antebraços fazem na realização do sinal. Para Quadros & Karnopp :

Os movimentos identificados na língua brasileira de sinais por Ferreira-Brito(1990) são semelhantes às categorias propostas por Friedman(1977), Supalla e Newport (1978) e Klima e Bellugi (1979). Tais traços referem-se ao tipo, direcionalidade, maneira e frequência do movimento. Assim, Ferreira-Brito (1990) menciona que o movimento pode estar nas mãos, pulsos e antebraço; os movimentos direcionais podem ser unidirecionais, bidirecionais, multidirecionais; a maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento; a frequência refere-se ao número de repetições de um movimento (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 55).

O movimento é um dos parâmetros mais complexos, pois desenvolve várias formas e direções que vão de movimentos simples da mão para a junção do antebraço e pulso. Existem,

<sup>1</sup> Na Libras não há desinência de gênero ou número associado a terminação do sinal, então na escrita em lugar da desinência se coloca o @.

também, sinais que não demandam movimento. Para exemplificar esse parâmetro observemos as figuras abaixo:

Figura 6: SINAL DE PRIMEIR@



Figura 7: SINAL DE ÚLTIM@



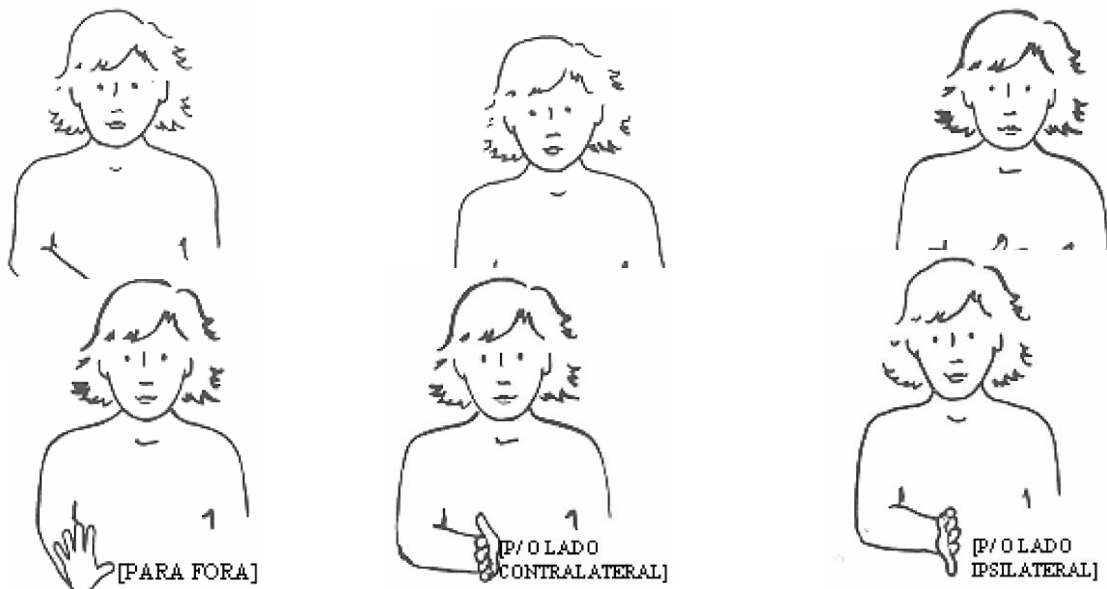
TANYA, A.; MONTEIRO, M.; SOUZA, F. **Libras em Contexto**: Curso Básico. 6. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007, p. 42.

No sinal de PRIMEIR@ podemos observar o movimento de zig zag e no sinal de ÚLTIM@ o movimento é retilíneo.

Após a análise dos sinais de Stokoe (1960) atribuindo três parâmetros a Língua de Sinais, outros estudiosos aderiram ao campo da fonologia mais dois parâmetros, denominado parâmetros secundários: sendo eles orientação de da palma da mão (Or) e os aspectos não-manuais: expressões faciais e corporais.

A orientação da palma da mão é, em suma, a direção em que a palma da mão vai tomar na realização do sinal. Existem muitos sinais que só distinguem pela orientação da mão, por isso a importância desse parâmetro. Segundo Marentette (1995, p.204), existem seis Orientações, que são:

Figura 8: ORIENTAÇÕES DE MÃO



Fonte: Marentette 1995, p. 204

As expressões não-manuais (ENM) têm a movimentação da face (nariz, boca, sobrancelha, olhos), como também, do tronco. Não é menos importante em relação aos demais parâmetros, muito pelo contrário, é bastante necessário para a comunicação gestual.

Karnopp descreve a funcionalidade das ENM :

As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalização. As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio ou aspecto (KARNOPP, 2004, p. 60).

Em um diálogo em Libras, as expressões não-manuais irão distinguir uma frase exclamativa de uma interrogativa, como também sinais específicos que irão necessitar diretamente dessas expressões. Atente para as frases a seguir, que irão se distinguir na comunicação, apenas quando houver a utilização da expressão, como vemos no exemplo abaixo:

VOCÊ CASAD@ (expressão de afirmação)

VOCÊ CASAD@ (expressão de interrogação)

VOCÊ CASAD@ (expressão de admiração)

VOCÊ CASAD@ (expressão de dúvida)

VOCÊ NÃO-CASAD@ (expressão de negação)

As expressões faciais são o que guiam o contexto comunicativo, sem elas a comunicação é totalmente prejudicada, pois não teria como o receptor compreender o que realmente o emissor deseja passar.

Visto como funciona a fonologia na Língua de sinais agora é preciso entender mais sobre o foco da nossa pesquisa, a variação linguística, que está ligada, diretamente, ao campo da fonologia.

### **Sociolinguística Variacionista**



A Sociolinguística é uma vertente da Linguística que estuda a língua de uma forma diferente de outras vertentes. Esta pondera em suas análises da língua, o contexto sócio-comunicativo como agente influenciador da língua, ou seja, pesquisa e considera não somente aspectos linguísticos da língua, mas também sociais.

Idealizada pelo estudioso americano William Labov (2008[1972]), a Sociolinguística tem como objetivo estudar a estabilidade e mutabilidade da variação linguística, observando quais fatores podem influenciar, sejam fatores linguísticos e sociolinguísticos.

A partir de 1970 a Sociolinguística ganha impulso e passa a receber destaques em pesquisas que visavam observar a língua como fator social. De acordo com Alkmim (2001, p. 33 *apud* Junior, 2014, p. 22):

Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente - se valer de opiniões como “língua e fala”, ou competência e desempenho - significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. O aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total.

Desta forma podemos observar que para a Sociolinguística, a tentativa de se estudar uma língua a tendo como uma forma indissociável de seu uso é não entender o significado de língua. Esse modelo teórico-metodológico surge para rebater outras teorias da época que consideravam a língua como homogênea, desconsiderando totalmente o seu lado social, um modelo totalmente estruturalista. Labov (2008[1972]), então reconhece o valor heterogêneo da língua e passa a mostrar para sociedade que não há apenas uma maneira de falar considerada correta, mas sim várias. Para Coelho (2010, p.23):

Variação é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade, e, com o mesmo significado. Dois requisitos devem, pois, ser cumpridos para que ocorra variação: as formas envolvidas precisam (i) ser intercambiáveis no mesmo contexto e (ii) manter o mesmo significado.

A variação linguística pode ocorrer em todos os níveis da língua (fonético, fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo) e está ligada em suma a diversas maneiras de se dizer a mesma coisa, sem alterações de sentido. Observemos o exemplo a seguir:

Domingo à tarde, o político vê um programa de TV.

Um assessor passa por ele e pergunta: – **Firme?**

O político responde: – Não, **Sírvio** Santos.

(POSSENTI, S. Os humores da língua. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, p. 34)

Note que a palavra em negrito “firme” é que faz a relação da piada com estudos sociolinguísticos, uma vez que, se nota a ambiguidade adquirida na conversação, já que a variação firme, uma variante popular que faz referência a “filme”, é confundida com firme que tem o mesmo sentido de “tudo bem?”, um cumprimento informal. O fenômeno é reforçado na última linha pela troca da palavra “Sívio” por “Sírvio”.

Nesse exemplo podemos perceber que há uma troca do /l/ pelo /r/ fenômeno denominado variação linguística, mais especificamente variação fonológica, onde há uma troca de um fonema pelo outro e ainda assim não há alteração em seu sentido. Esta variação é influenciada por fatores extralinguísticos, nesse caso a escolaridade, pois compreende-se que o político não tem domínio da língua padrão falada. Esse tipo de fenômeno é estudado pela sociolinguística.

Na perspectiva da Sociolinguística, o ser humano é por natureza plurilíngue (usa diversas línguas). E mesmo quando usamos nossa língua, esta se apresenta de diversos modos: por exemplo, em casa, usamos o idioma familiar; na escola, modificamos o nosso modo de usar a língua e interagimos com outras pessoas, colegas e professores, que trazem modos de usar a língua diferente do nosso. Isto acontece em qualquer língua, seja ela o português brasileiro ou a LIBRAS. (CAVALCANTE, 2013, p.4)

Se a variação linguística é inerente a todas as línguas ela se aplicaria a Libras, pois assim como há variação nas línguas orais, também vai haver nas línguas visuais gestuais e isso é o que observamos e analisaremos a seguir.

### **Variação Linguística em Libras**

O estudo da língua sempre despertou interesse de muitos pesquisadores, seja no campo da sintaxe, lexicologia, morfologia ou fonologia. As pessoas sempre atentam para o uso da língua, observando os sotaques, gírias e dialetos, sejam eles realizados em qualquer região do país.

As diferenças de pronúncia, de vocabulário e de sintaxe observadas por um habitante de São Paulo, por exemplo, ao comparar sua expressão verbal à dos falantes de outras regiões, como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte, muitas vezes o fazem considerar “horrrível” o sotaque de algumas dessas regiões; “esquisito” seu vocabulário e “errada” sua sintaxe. Esses julgamentos não são levados em conta pelo linguista, cuja função é estudar toda e qualquer expressão linguística como um fato merecedor de descrição e explicação dentro de um quadro científico adequado (PETTER, 2002, p. 17).

A variação linguística ainda é bem discriminada no meio em que vivemos, notamos isso, através de situações de preconceito que acontecem diariamente em todo Brasil. Isso

acontece porque as pessoas estão acostumadas com o seu modo de falar e quando entram em contato com um dialeto ou sotaque diferente, elas tendem a julgar como errado.

Para a Gramática Normativa a variação é desprestigiada, pois a forma que é evidenciada é a Norma padrão, que é a forma idealizada pela da Gramática. Já a linguística considera que cada falante tem sua própria forma de falar e ninguém pode dizer para este o que é errado ou certo em seu modo de falar. Se a comunicação não está sendo prejudicada, então não há nada em que se corrigir no uso da língua. A linguística, especialmente a sociolinguística, entende que na língua não se pode usar esses conceitos preconceituosos de “certo e errado”, mas sim de “adequado e inadequado” à situação sócio-comunicativa. (LABOV, 2008 [1972])

Observamos que a Libras é carregada de estrutura, tem sua gramática própria e suas complexidades, assim como as línguas orais, e não seria diferente no campo da variação linguística. E é no nível fonético-fonológico da língua onde a variação linguística se manifesta de forma mais visível. Mostrar que na Libras há variação linguística é de suma importância, pois reforça ainda mais o seu valor de língua.

Alguns pesquisadores da Libras se detiveram a produzir trabalhos na área de Variação Linguística, mas ainda assim a área tem um déficit em trabalhos, porém os que foram realizados já contribuem bastante para compreendermos ainda mais sobre o universo da Libras.

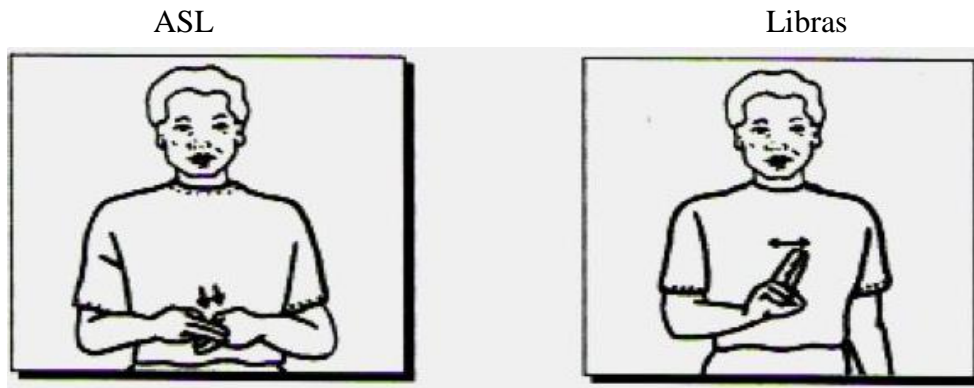
Um dos estudos sobre variação selecionado foi o de Júnior (2011), que realizou um trabalho quantitativo e qualitativo sobre variações linguísticas em Libras, atentando para a análise e identificação das suas variantes e variante-padrão, selecionando seis termos da terminologia da política brasileira. O seu trabalho tinha foco no léxico e objetivava averiguar as variações que tinham influência do português, como também, as variações naturais da Libras.

Foram escolhidos surdos e profissionais da área em questão para que houvesse a constatação da variação dos sinais utilizados por eles. Nos resultados desse estudo, pode-se comprovar a presença de variantes e a escolha de uma variante-padrão para cada termo, além de render uma discussão relevante para os estudos sobre variação da Libras e levar a busca de estratégias para preparação de um dicionário terminológico da Libras.

Assim como no Brasil se fala o português e nos Estados Unidos se fala inglês na modalidade oral, também se tem a Libras (língua brasileira de sinais), nos Estados Unidos tem a ASL (língua americana de sinais) e na França se tem a FSL (língua francesa de sinais). Assim, desmistificando que a Libras é universal, pois cada lugar tem sua língua de sinais,

independentemente das suas respectivas línguas orais. Observe os sinais de nome em ASL e Libras, eles diferem, porque cada um tem sua estrutura linguística.

Figura 9: SINAL DE NOME EM ASL E LIBRAS



Fonte: Strobel, K.; Fernandes, S. Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, 1992, p.3

## 2 METODOLOGIA

Ao passar dos anos, as pesquisas na área da Libras veem aumentando consideravelmente, ainda assim, há uma necessidade de mais pesquisas realizadas no campo da variação linguística. E para que essa pesquisa viesse a acontecer iniciamos com um levantamento bibliográfico. Devido à pandemia que assola o nosso país não conseguimos trabalhar com a língua em seu uso, por isso, realizamos um levantamento bibliográfico e não os usos linguísticos reais da Libras. Porém, mesmo assim, consideramos nosso trabalho válido, uma vez que nosso objetivo é demonstrar a variação linguística presente nessa língua, o que é totalmente possível a partir do método selecionado para este trabalho.

Em um primeiro momento para a realização da pesquisa foram selecionados nove sinais do ensino básico de Libras como L2. Estes foram escolhidos aleatoriamente e estudados. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de qual dicionário seria melhor para serem coletados sinais e dentre alguns foi selecionado o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos, obra dos autores Fernando C. Capovilla, Walkiria D. Raphael, Janice G. Timóteo e Antonielle C. Martins (2017) que é dividido em três volumes. O primeiro, traz sinais que vão de A a D, o segundo mostra sinais de E a O e o último apresenta sinais de P a Z.

Do primeiro dicionário (de A-D), foram selecionados seis sinais, do segundo dicionário (de E-O), foram selecionados três sinais. Observe abaixo a tabela com os 9 sinais selecionados.

Quadro 1: SINAIS SELECIONADOS

SINAIS		
BARATA	CAJU	ENFERMEIR@
BEBER	BANDEIRA	ELEFANTE
CABELELEIR@	BÊBAD@	ESCORPIÃO

Fonte: a própria autora.

Embora essa pesquisa tenha abordado uma pequena parcela de sinais, é de grande relevância a contribuição desta para que surjam mais trabalhos que partilhem do mesmo objetivo e possam ser mais abrangentes, visto que ainda existem poucos trabalhos na área e pesquisas como esta é de grande relevância para Libras, uma vez que auxiliam a Língua Brasileira de Sinais a ser disseminada cada vez mais.

### 3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem como foco a descrição e análise dos sinais coletados dos Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos (CAPOVILLA et al., 2017), retirados do volumes 1 e 2.

Foram considerados para descrição e análise dos dados os três parâmetros principais de Stokoe comentados na página 21, Configuração de mão (CM), Movimento (M) e Ponto de Articulação (PA), avaliando assim cada sinal e observando em qual apresenta variação.

Na figura abaixo podemos observar nosso primeiro sinal - BARATA. A variação de Pernambuco, é realizada em CM em P, PA na testa e Movimento dos dedos simbolizando as antenas da barata. Este mesmo sinal, no Ceará, tem a CM, PA e M igual ao sinal de Pernambuco, porém há a realização do sinal adicional de PEQUENO. Observamos que nesse sinal não houve uma mudança nos parâmetros do primeiro sinal, somente um acréscimo de outro sinal.

Figura 10: SINAL BARATA

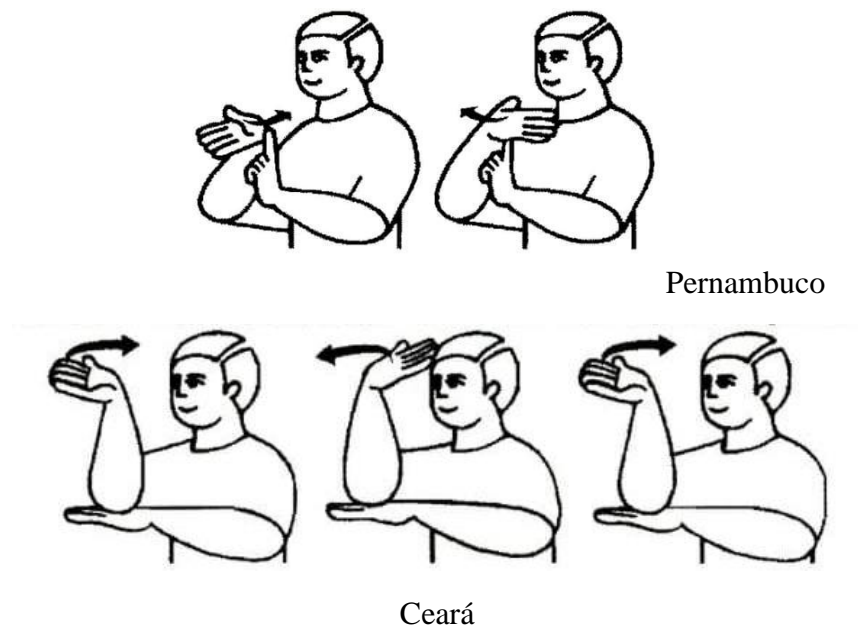


Pernambuco

Ceará

O próximo sinal é BANDEIRA. Nota-se que em Pernambuco o sinal apresenta uma CM mão aberta e outra em D. O PA é no espaço neutro e o M é efetivado para direita e esquerda com a mão ativa, simbolizando o movimento realizado pelo objeto ao vento. O mesmo sinal, realizado no Ceará, vai ter duas CMs, também, a mão esquerda (passiva) aberta apoiando pelo cotovelo a mão (Ativa) com CM aberta também. O movimento é realizado igual ao sinal de Pernambuco, como também, o PA que é realizado em espaço neutro (em frente ao corpo). Os sinais só se diferem em uma das CMs (da mão de apoio), mas apresentam movimentos e pontos de articulação iguais.

Figura 11: SINAL BANDEIRA



Na figura 12 temos o sinal BEBER. Este sinal realizado em Pernambuco tem uma configuração de mão em A. O PA na boca e o M é em semicírculo. O mesmo sinal, produzido no Ceará, tem o mesmo M e PA, porém vão divergir na configuração de mão que é em C fazendo referência ao copo.

Figura 12: SINAL BEBER

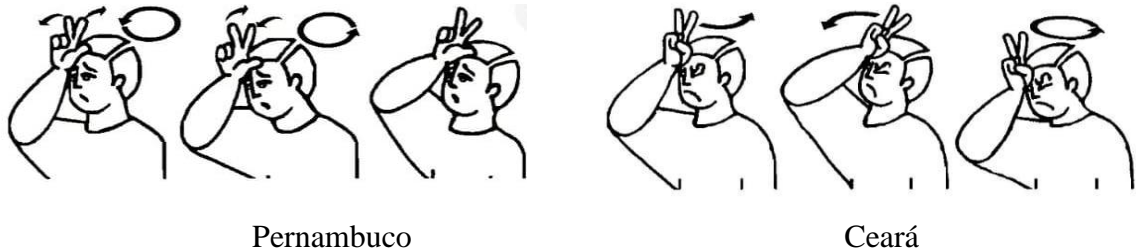


Ceará

Pernambuco

Outro sinal estudado é BÊBADO. Em Pernambuco ele é produzido com CM número 26 do quadro organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que pode ser encontrado na página 11. O sinal é efetivado na testa e conta com o M em círculo que faz alusão a tontura que as pessoas sentem ao beberem bebidas alcoólicas. No Ceará o sinal em questão também é reproduzido no PA na testa e tem o mesmo movimento circular, porém vai divergir na CM em V.

Figura 13: SINAL BÊBADO



Pernambuco

Ceará

Na figura 14, temos o sinal CABELEIREIRO. Este, por sua vez, é realizado de maneiras pouco divergentes nos estados ressaltados. Em Pernambuco é produzido com uma mão e CM em V, com M dos dedos abrindo e fechando, movimento realizado por uma tesoura, além da movimentação da mão em circular. O sinal realizado no Ceará só irá diferenciar na CM que, em vez de utilizar-se uma mão, utiliza-se as duas com a mesma CM, M e PA do sinal realizado em Pernambuco. O que é conhecido por mãos espelhadas.

Figura 14: SINAL CABELEIREIRO

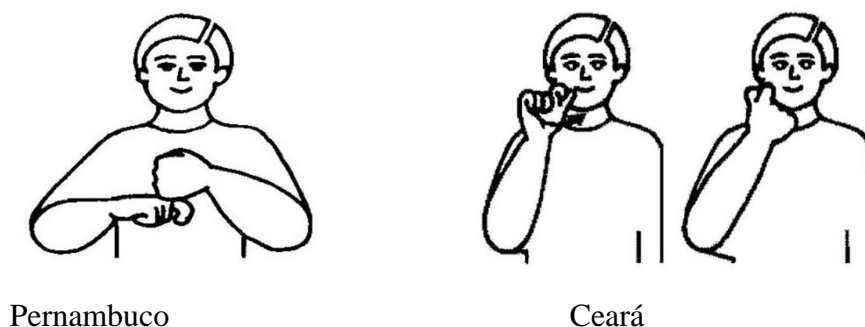


Pernambuco

Ceará

No sinal a seguir, figura 15, observa-se, de imediato, uma divergência. Na realização do sinal CAJU de Pernambuco, notamos duas mãos com CMs diferentes, uma em X com a palma da mão para baixo e a outra em S horizontal com a mão voltada para o emissor. O PA é no espaço neutro e não realiza M. Já a produção do sinal no Ceará tem CM em A com o dedo indicador destacado. O PA do sinal é um pouco abaixo da boca e o M é realizado ao girar a mão para trás, que vai do peito aos ombros. Com isso podemos observar que há uma divergência total entre os sinais.

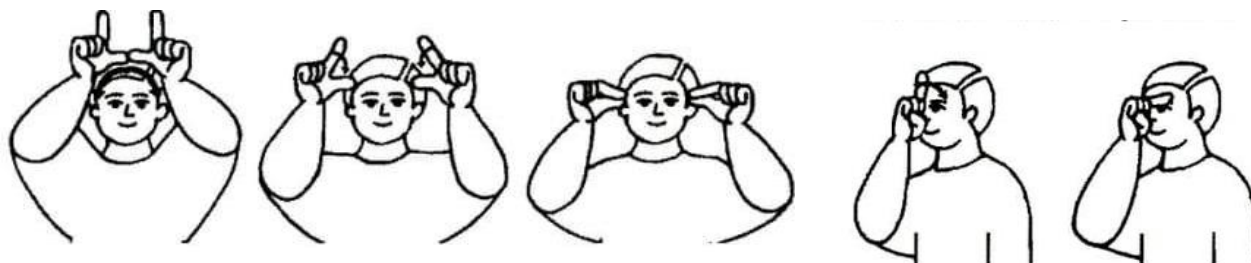
Figura 15: SINAL CAJU



No caso do sinal ENFERMEIRA, da figura número 16, notamos que aquele realizado em Pernambuco tem duas partes. A primeira parte do sinal tem a utilização das duas mãos em L com o movimento curvilíneo realizado com o indicador e polegar formando a CM 39 do quadro organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A segunda parte do sinal, também, é realizada na cabeça/testa, porém se utiliza apenas uma das mãos em D com movimento do indicador que faz referência a uma cruz.

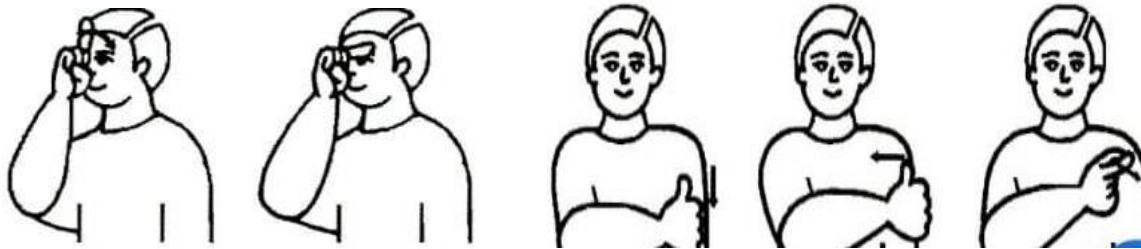
No Ceará, o sinal também tem duas partes, porém há a utilização de apenas uma das mãos. A primeira parte a CM está em A com destaque para o polegar que no PA no braço realiza o movimento encruzilhado fazendo a referência a cruz. A segunda parte do utiliza-se duas CMs encontradas no quadro organizado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), a 30 e a 31. O M somente é realizado pela mudança do polegar e o PA é o mesmo, no braço. O único parâmetro semelhante nos dois sinais foi o M realizado em uma das partes de ambos os sinais.

Figura 16: SINAL ENFERMEIRA





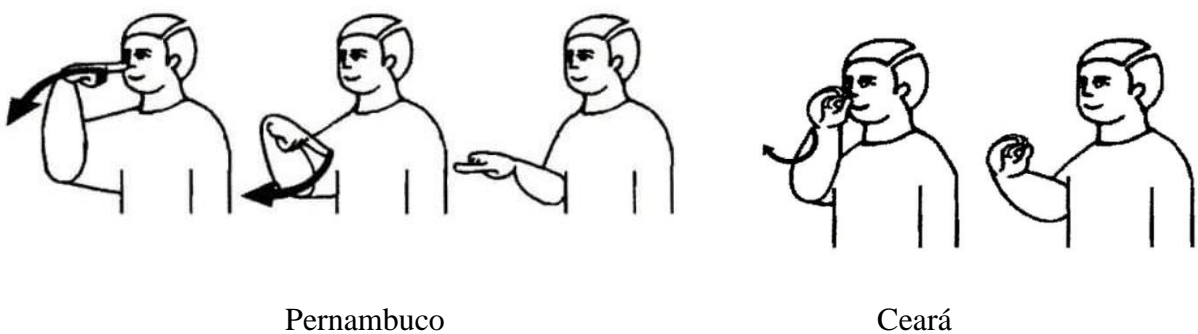
Pernambuco  
Pernambuco



Ceará

No sinal ELEFANTE produzido em Pernambuco, percebemos a utilização de apenas uma das mãos, na qual tem CM em D, PA vai do nariz a o espaço neutro, com M curvilíneo fazendo referência a tromba do elefante. Em contrapartida apresentamos o sinal realizado no Ceará que se utiliza, também, uma das duas mãos com CM em O, o PA vai do nariz ao espaço neutro, com M curvilíneo fazendo referência, também, a tromba do elefante. Esse sinal apresentou variação no parâmetro CM e uma parte do M.

Figura 17: SINAL ELEFANTE



A seguir, na figura 18, trazemos o sinal ESCORPIÃO que também irá sofrer variação nos parâmetros da fonologia CM e M.

Na realização de Pernambuco, observamos que há duas CMs, a primeira mão aberta e a outra em X e o M é realizado em uma alternância entre os dedos, simbolizando a forma como anda o escorpião. O PA é no espaço neutro. Já o sinal produzido no Ceará apresenta o mesma PA,

porém as CMs são mão aberta e em 5 e o M é realizado com um movimento curvilíneo da mão ativa em direção a passiva.

Figura 18: SINAL ESCORPIÃO



#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para sumarizar essa análise, exibiremos a tabela 2, que expõe as propriedades dos 9 sinais analisados por esta pesquisa. Observe que a variação linguística foi comprovada entre as regiões Pernambuco e Ceará como já esperávamos na nossa hipótese inicial, pois por ser uma língua, como qualquer outra, a Libras, não poderia deixar de apresentar variação linguística. Entretanto, a variação não ocorreu apenas em um parâmetro da língua, teve alternâncias entre os parâmetros. A CM atingiu quatro variações nos sinais BANDEIRA, BEBER/BÊBADO E CABELEIREIRO. Os sinais que tiveram variação nos parâmetros CM e M foram ELEFANTE E ESCORPIÃO. Houve, também, sinais que expuseram variação total nos parâmetros, são eles: CAJU E BARATA. Ainda obtivemos variação nos parâmetros CM e PA, simultaneamente, o que é mais raro, pois na primeira pesquisa não encontramos nenhum sinal com essa variação.

Conclui-se com esta análise que o parâmetro que menos exibiu variação foi PA e M, pois não houve nenhum sinal com variação nesses parâmetros isolados.

Nessa nova pesquisa percebemos que o parâmetro CM continua sendo o parâmetro que mais sofre variação.

TABELA MUDANÇA NOS PARÂMETROS

<b>MUDANÇA NOS PARÂMETROS</b>	<b>QUANTIDADE DE SINAIS</b>
<b>Configuração de Mão</b>	4
<b>Ponto de Articulação</b>	0
<b>Movimento</b>	0
<b>Configuração de mão e Ponto de articulação</b>	1
<b>Configuração de Mão e Movimento</b>	2
<b>Todos Parâmetros</b>	2

Fonte: a própria autora

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho procuramos mostrar que a Libras tem aspectos pertinentes, para serem abordados e analisados, assim como qualquer língua oral, pois é uma língua que deve e merece igualdade em relação às outras.

Um fato interessante a se observar é que o estudo das variações neste trabalho se deu de maneira possível com coleta em dicionário, já que estes apresentavam registro de variedades diferentes, ocorrência esta que nos dicionários de língua portuguesa não acontece, porque só há registro apenas da forma padrão.

Por meio da análise quantitativa e qualitativa dos dados dessa pesquisa, podemos observar que houve uma variação nos parâmetros em todos os sinais analisados. A variação do parâmetros CM obteve maior recorrência nos sinais estudados, seguida da variação nos parâmetros Configuração de mão e Movimento, concomitantemente e todos os parâmetros. Contudo, o único parâmetro que não apresentou variação foi o Ponto de Articulação de maneira isolada.

## REFERÊNCIAS

- ALKHMIN, T. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (org.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. Vol.1. São Paulo: Cortez, 2001.
- AZEVEDO, Charles. **Configuração de Mão**. 2014. Disponível em: <<http://charles-libras.blogspot.com/2014/10/configuracoes-de-mao.html>> Acesso em: 10/12/2020.
- BRITO, Ferreira L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- CAPOVILLA, C.; RAPHAEL, W.; TEMÓTEO, J.; MARTINS, A.; **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos**. São Paulo: Edusp, 2017.
- CAVALCANTE, Marianne C.; **Língua Portuguesa e Libras Teorias e Práticas**. Editora UFPB. João Pessoa, 2013.
- COELHO, Izete. et al. **Sociolinguística**: Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- FERREIRA, L. A.; **O que é Libras? Fundamentos para a educação inclusiva de surdos: módulo** Natal: EDUFRN, 2011.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.
- JÚNIOR, G.C. **Variação linguística em língua de sinais brasileira: foco no léxico**. Brasília, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2011.
- IGNÁCIO, Junior. **Análise de mudanças morfofonológicas na língua brasileira de sinais em comparação à produção em língua de sinais francesa**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- MARENTETTE, P.F. 1995. **It's in her hands: a case study of the emergence of phonology in American Sign Language**. Montreal, Canada. PHD Dissertation. McGill University, Department of Psychology.
- PETTER, Margarida. **Linguagem, língua, linguística**. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística – Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 11-24
- QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. In: QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- STOKOE, W. (1960) **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language**. Listok Press, Silver Spring, MD.
- TANYA, A.; MONTEIRO, M.; SOUZA, F. **Libras em Contexto: Curso Básico**. 6. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007.